



LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS NO ENTORNO E JARDINS DA ESCOLA MUNICIPAL SÉRGIO DE OLIVEIRA MARQUEZ, UBERLÂNDIA-MG

**Estudantes: Victória Nascimento Pimentel, Lara Rodrigues Dias, Ana Carolina da Silva
Teixeira**

Orientadores: Keyme Gomes Lourenço, Ezequias Cardozo da Cunha Junior

Escola: Escola Municipal Sérgio de Oliveira Marquez

Resumo

As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) que são plantas que podem usadas para consumo mas, que não são usadas pela maior parte da população. Por terem cultivo e manuseio fácil, e ocorrerem por todo país e de fácil acesso, as PANC são uma alternativa para a alimentação, econômica e sustentável, fortemente relacionado com a bioeconomia. Os principais motivos para a não apropriação sobre o conhecimento das PANC, são as limitações e o distanciamento (ensino-aprendizagem) dos conhecimentos etnobotânicos. O objetivo geral dessa pesquisa foi realizar um levantamento etnobotânico das espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais existentes no entorno e nos jardins da escola Municipal Sergio de Oliveira Marques em Uberlândia-MG e discutir e sua relação com o bioma cerrado; e seu potencial alimentício sustentável. Dentre as espécies identificadas a maior parte é nativa do Brasil, demonstrando que a diversidade dos recursos naturais nativos possui grande potencial para diversificar os hábitos alimentares das pessoas e que iniciativas de incluir temáticas sobre agroecologia, etnobotânica e bioeconomia na Educação Formal sejam apoiadas, auxiliando na manutenção desses saberes.

Palavras-chave: Etnobotânica, Bioeconomia, Alimentação, PANC, Alfabetização Científica.

Introdução e justificativa

No nosso planeta existe em média 27 mil espécies de plantas que podem ser usadas como alimento (RAPPORT; DRAUSAL, 2001), porém, mesmo com toda essa variedade, cerca de 90% da alimentação humana do mundo utiliza somente 15 espécies de vegetais e oito animais (KHOLER, 2014). Além disso, de 100% das espécies de plantas alimentícias que existem, nossa alimentação hoje em dia é composta por apenas 25% de toda esta diversidade (RANIERI, 2017).

As plantas alimentícias são aquelas que possuem alguma parte ou produto que podem ser usados na dieta humana (FAO, 1994, p. 16) e são divididas em Plantas Alimentícias Convencionais (PAC), as que podem ser comidas e são mais usadas pela população mundial e as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) que são aquelas que também podem ser comidas mas, que não são usadas pela maior parte da população (KINUPP, 2007, p. 18). É importante lembrar

que o conceito ‘convencional’ ou ‘não convencional’ é relativo aos contextos históricos, sociais e políticos e por isso muda ao longo do tempo (MAKUTA, 2018).

As PANC, muitas vezes, são usadas como plantas medicinais, devido o desconhecimento de que pode ser alimento pelos jovens e também por causa do plantio de monocultura, que usam as mesmas plantas, responsáveis por diminuir a quantidade de plantas dos cardápios de hoje em dia (BORGES, 2018).

Amorozo (2002) diz que um dos principais motivos para a não apropriação sobre o conhecimento das PANC, são as limitações e o distanciamento (ensino-aprendizagem) dos conhecimentos etnobotânicos.

Nos estudos de Kinupp (2007) sobre o tema, vemos que a falta de conhecimento sobre as propriedades das PANC, como também, seus habitats e o jeito que elas se desenvolvem, repercutem na sociedade uma percepção ruim sobre as PANC que subestima a sua importância ecológica, nutritiva e econômica, ocasionando interpretações precipitadas sobre as PANC, que são consideradas pela maioria dos jovens como matos, ervas daninhas ou plantas invasoras das plantações, isso porque elas brotam e crescem sozinhas, com nenhuma ou pouca ajuda e tem aparência considerada rústica. (KINUPP, 2007.)

Nos espaços urbanos existe uma grande quantidade de PANC disponível para variar a alimentação das pessoas e já existem movimentos sociais para que elas sejam incluídas nos cardápios das famílias, por variar a alimentação com diferentes sabores e nutrientes, e também por ser de fácil acesso, interferindo diretamente na economia da sociedade, além de preservar e valorizar a cultura e as plantas do Brasil (BARREIRA, et al, 2015).

Maior parte do conhecimento sobre as PANC vem da Etnobotânica, que “guarda” essa cultura entre as gerações e é considerada um tesouro da humanidade, por mostrar como é a relação do ser humano com as plantas. Com isso, a divulgação do conhecimento da Etnobotânica, principalmente, o uso e as aplicações de plantas para o auxílio das necessidades humanas desenvolvem reflexões integradas a outras problemáticas, como a preservação ambiental, ecologia, bioeconomia e o conhecimento popular.

Considerando isso, o conhecimento científico atual sobre as PANC depende dos saberes populares, que está sendo perdido com o passar das gerações e atingindo números cada vez menores de jovens. Isso interfere no desempenho da sociedade na busca de autonomia sobre a

própria produção e consumo de alimentos, no reconhecimento e valorização da biodiversidade natural de determinadas regiões, e na conservação dos recursos naturais e dos saberes populares.

Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa foi realizar um levantamento etnobotânico das espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais existentes no entorno e nos jardins da escola Municipal Sergio de Oliveira Marques em Uberlândia-MG. Como objetivos específicos buscamos: identificar as espécies e famílias botânicas das plantas encontradas; e sua relação com o bioma cerrado; e seu potencial alimentício como estratégia bioeconômica.

Metodologia

A Escola está localizada na Zona Norte de Uberlândia e possui em seu entorno e jardins exemplos da vegetação do Cerrado, com árvores de tronco cascudo e retorcido, flores bastante coloridas e frutos rústicos. Também nos jardins encontramos o Cantinho Doce com colmeias de abelhas sem ferrão.

Figura 1: Área da escola em amarelo.



Fonte – Google Earth, montado pelas autoras.

Para tal, realizamos visitas técnicas pelos jardins e pelo entorno da escola com nosso grupo, guiadas por nossos professores e bolsistas do Programa Residência Pedagógica da Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde coletamos exemplares de espécies que eram reconhecidas pelo conhecimento etnobotânico dos participantes, realizamos check in via GPS dos

locais coletados, e encaminhamos os exemplares e imagens fotografadas das plantas para confirmação taxonômica para o Herbarium Uberlandense (HUFU) da UFU.

Roteiro de coleta e análise das espécies das plantas:

1 – Após os participantes reconhecerem as plantas e classificar elas como PANC cortávamos suas flores usando tesouras de jardinagem ou podão. Escolhemos as flores pois é assim que se identifica e diferencia a maioria das espécies de plantas que existem.

2 – Guardamos os ramos de flores entre jornais usados e prensamos com papelão que já tinham sido recortados em formas retangulares, como na montagem de um livro, página por página.

3 – Depois de amarrar tudo as flores das plantas foram para o Herbário da Universidade Federal de Uberlândia, onde ficaram secando e depois foi analisada por estudantes de biologia que usaram técnicas botânicas para descobrir a família e espécie das plantas.

4 – Os resultados foram encaminhados para nossos orientadores e equipe de trabalho e organizados em tabela.

Resultados e Discussão

Do total de 8 amostras coletadas identificaram 7 espécies e 7 famílias botânicas que organizamos junto o nome popular na tabela a seguir:

Quadro 1: Nomes científicos, famílias botânicas e nomes populares.

Nome científico	Família Botânica	Nome Popular
Moringa oleifera (Lam)	Moringaceae	Moringa, Muringa
Impatiens spp. (DC)	Balsaminaceae	Beijinho, Maria-sem-Vergonha
Handroanthus sp. (Mattos)	Bignoniaceae	Ipê, Ipê-do-cerrado
Passiflora edulis (sims f flavicarpa deg)	Passifloraceae	Maracúja
Morinda citrifolia (L)	Rubiaceae	Noni
Mangifera indica (L)	Anacardiaceae	Manga tipo Adams
Clitoria sp.(Linn)	Fabaceae	Ervilha azul, Clitória

Fonte: Criado pelas autoras e orientadores

Conclusões

Dentre as espécies identificadas a maior parte é nativa do Brasil, demonstrando que a diversidade dos recursos naturais nativos possui grande potencial para diversificar os hábitos alimentares das pessoas. Porém, mesmo com essa diversidade de PANC, e seu grande valor como alimento, essas plantas não são utilizadas geralmente pelos moradores e nem pela comunidade da escola. O afastamento desse conhecimento é um risco para a transmissão do conhecimento para as próximas gerações. Promover e divulgar o conhecimento sobre PANC é importante para a divulgação dessas plantas e o incentivo de seu consumo para uma alimentação, que use recursos locais diversos, sem agrotóxicos, também como proposta para redução dos gastos e melhoria da qualidade de vida da população, somando ecologia e saberes etnobotânicos: motores para a bioeconomia.

No entanto, a principal fonte de conhecimento sobre as PANC ainda é a família e este aspecto se demonstra alarmante, principalmente pela grande perda desta biodiversidade de plantas, e desse conhecimento, por isso, a Educação Formal pode se apropriar desta temática e promover o conhecimento sobre agroecologia, etnobotânica e bioeconomia dentro do currículo escolar.

Pretendemos também criar um roteiro ilustrado para a comunidade escolar com a localização das plantas, modos de utilizar e curiosidades, para divulgar mais sobre a temática. Essa pesquisa foi realizada na disciplina de Estudos Científicos criada em parceria da escola com o Programa Residência Pedagógica UFU, lecionada por bolsistas da Biologia. A manutenção de projetos como esse além de contribuir para a formação continuada dos residentes, auxilia e complementa ações como essa na escola, que oferece a nós estudantes chances de compreender melhor a relação ciência, tecnologia e sociedade.

Referências

- RAPAPORT, E.H.; DRAUSAL, B.S. Edible plants. Pp. 375-382. In: LEVIN, S. (ed). Encyclopedia of biodiversity. New York, Academi Press. 2001.
- RANIERI, G. R. (coord). Guia prático de PANC: Plantas Alimentícias Não Convencionais. Instituto Kairós. 1ª ed. São Paulo. 2017
- FAO. Productos forestales no madereros; posibilidades futuras. Estudio FAO Montes. Publicación No. 97, Roma. 1992.
- KINUPP, V. F. Plantas Alimentícias Não convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. Tese. Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia. Faculdade de Agronomia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2007.



MAKUTA, G. Biodiversidade, Arca do Gosto e Fortalezas Slow Food: um guia para entender o que são, como se relacionam com o que comemos e como podemos apoiá-las. São Paulo: Associação Slow Food do Brasil, 2018. 128p. Disponível em: <http://slowfoodbrasil.com/documentos/slowfood-publicacao.pdf> Acesso em: 06 de jul. de 2019.

BORGES, C. K. D. Plantas alimentícias não convencionais (PANC): A divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. 2017. 143 f. Dissertação de pós-graduação em educação e ensino de ciências na Amazônia da universidade do Estado do Amazonas. Disponível em: Acesso em: 28 de abr. de 2018.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio de Levenger, MT, Brasil. Acta Botânica Brasílica, v.16, n.2, p. 189-203, 2002.

BARREIRA, T.F. et al . Diversidade e equitabilidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais na zona rural de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Rev. bras. plantas med., Botucatu , v. 17, n. 4, supl. 2, p. 964-974, 2015 .